



Universidade de Brasília

Instituto de Artes
Departamento de Design

NEY GABRIEL MOURA GARCEZ

LOW-TECH, HIGH-LIFE
Uma proposta esteganográfica para Brasília

Brasília
2021

NEY GABRIEL MOURA GARCEZ

LOW-TECH, HIGH-LIFE

Uma proposta esteganográfica para Brasília.

Trabalho de conclusão do curso de Design,
habilitação de Programação Visual da
Universidade de Brasília.

Orientador: Rogério Câmara

Brasília
2021

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao Rogério e André por terem me orientado ao longo desses dois semestres e pelas trocas não necessariamente relacionadas a este trabalho. Também a todo o departamento de Design pelo apoio nos últimos anos.

Muito obrigado também à minha família, a meus amigos e amigas mais próximos, de longa data ou não, que me ajudaram de mais formas que consigo definir e quero levar pra vida; aos excelentes designers colegas de curso e artistas que pude conhecer. Todos foram fonte de inspiração e fonte de energia. Gratidão imensa.

Salve especial para o HT20 e rapaziada do skate, obrigado por terem me ajudado tanto com a sanidade mental nesse período delicado.

RESUMO

Aborda-se nesta pesquisa o funcionamento da vigilância digital atual, procurando compreender como esta impacta a privacidade e, então, o cenário político, o direito à cidade e a liberdade de expressão. A tecnologia evolui sobre uma imagem de neutralidade, porém o sistema de extração e aplicação de dados é particularmente perigoso por carregar uma agenda política explícita, operar de forma ubíqua, porém praticamente invisível. Este projeto é um exercício de fuga ao olhar onipotente dos algoritmos.

Palavras-chave: Vigilância; Monitoramento; Militância; Esteganografia; Athos Bulcão; Camuflagem;

ABSTRACT

The work addresses the functioning of current digital surveillance. How it impacts privacy, and then, the political landscape, the right to the city and freedom of speech. Technology evolves over an image of neutrality, but data extraction and application systems are particularly dangerous for they carry an explicit political agenda, operating in a ubiquitous but practically invisible way. This project is an escape exercise from the all-seeing eye of the algorithms.

Key-Words: Vigilance; Monitoring; Militancy; Steganography; Athos Bulcão; Camouflage;

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 – Lasers têm sido usados por manifestantes para combater repressão policial no Chile.

Imagem: Ivan Alvarado/Reuters. **p.18**

Fig. 2 – Parte do sumário do livro. **p.20**

Fig. 3 – Cinto Off-White (à esquerda) e acessórios Thunderclap. **p.22**

Fig. 4 – Ronaldo Azeredo, 1959 e 1964, respectivamente. **p.24**

Fig. 5 – Philadelpho Menezes (1984). **p.24**

Fig. 6 – Cildo Meireles (1970). **p.25**

Fig. 7 – Fonte completa com símbolos. **p.28**

Fig. 8 – Título do cartaz mais chamada. **p.30**

Fig. 9 – Cartazes chave 1 e porta 1. **p.31**

Fig. 10 – Grid. **p.31**

Fig. 11 – Detalhe: pangrama chave (canto inferior esquerdo). **p.32**

Fig. 12 – Cartazes chave 2 e porta 2. **p.33**

Fig. 13 – Capa. **p.35**

Fig. 14 – página 1. **p.36**

Fig. 15 – página 2. **p.37**

Fig. 16 – página 3. **p.38**

Fig. 17 – página 4. **p.39**

Fig. 18 – página 5. **p.40**

Fig. 19 – página 6. **p.41**

Fig. 20 – página 7. **p.42**

Fig. 21 – página 8. **p.43**

Fig. 22 – página 9. **p.44**

Fig. 23 – página 10. **p.45**

Fig. 24 – página 11. **p.46**

Fig. 25 – página 12. **p.47**

Fig. 26 – página final, créditos. **p.48**

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO (rev teórica)	8
1.1.1 IMAGINÁRIO	8
1.1.2 PREVISÃO	9
1.1.3 PAN-ÓPTICO	10
1.1.4 ATUALIDADE	11
1.1.5 GUERRA	13
1.2 JUSTIFICATIVA	15
1.3 OBJETIVOS	17
2. DESENVOLVIMENTO	17
2.1 FASE INICIAL	17
2.2 REFERÊNCIAS PROJETUAIS	19
2.2.1 THE ANARCHIST COOKBOOK	19
2.2.2 THUNDERCLAP	21
2.2.3 O MEIO É A MASSAGEM	23
2.2.4 CONCRETISMO	23
2.3 MEMORIAL DESCRITIVO	26
2.3.1 FONTE	26
2.3.2 CARTAZES	29
2.3.3 ZINE	34
3. CONCLUSÃO	49
4. BIBLIOGRAFIA	50

1. INTRODUÇÃO

Sabemos a importância do direito à privacidade e como está associado a outros direitos fundamentais, como liberdade de expressão e direito à cidade. A falta de privacidade é uma das ferramentas de operação e manutenção de regimes autoritários e tende a ser combatida assim que percebida.

Porém no mundo atual, existe um jogo paradoxal acontecendo no que se diz respeito à privacidade. Informação é poder e algum nível de controle é desejável para o funcionamento de um sistema democrático, ok. Entretanto, à medida que a tecnologia evolui, as sociedades são cada vez mais intermediadas por redes e dados. A informação pessoal ganha muito valor e perdemos as rédeas da nossa privacidade e, pior, até mesmo o conhecimento sobre essa ameaça.

O sistema captador de informação é perigoso por sua invisibilidade, acontece o tempo todo, camuflado nas ações mais corriqueiras, escondido atrás da cortina da interface e sua complexidade. O fato é que a privacidade está morta, ou pelo menos, em estado terminal. Estamos todos registrados, vivemos sempre vigiados, imersos na nuvem e tudo pode ser usado para o interesse, praticamente não supervisionado, dos poucos que têm acesso à ela.

Este trabalho busca entender a dinâmica da vigilância contemporânea, quais ameaças políticas ela trás e, pensar uma comunicação que possa escapar a onisciência e onipresença dos dados.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO (rev teórica)

1.1.1 IMAGINÁRIO

A crítica ao controle por monitoramento de forma parecida com a atual existe desde o século passado. Ainda na infância das tecnologias de vigilância e comunicação, já havia alguma preocupação com a culminação no fim das liberdades individuais.

Essa preocupação estava presente no período das grandes guerras, com a espionagem e o monitoramento de grupos políticos específicos. Desse contexto surge uma das referências projetuais deste trabalho, a publicação *The Anarchist Cookbook*, de 1971, que em um de seus capítulos se dedica a compreender as tecnologias de espionagem e sugerir contra-medidas.

Outro momento de destaque na discussão é o movimento *cyberpunk*, que ocorreu principalmente na literatura das duas últimas décadas do século XX. O movimento tomava a iminência do mundo hiper-conectado para explorar a estética de uma possível realidade monitorada, autoritária e tecnocrática. Também uma referência gráfica possível para esse projeto.

Ao falar de vigilância, apesar de exagero, parece inevitável a comparação da realidade à novela 1984, de George Orwell. O Big Brother de Orwell não existe, muito menos no contexto personificado, autoritário e explicitamente distópico da história. Porém, à medida que a tecnologia e sua operação avançam, o conceito geral do personagem ganha força e sua possibilidade não pode ser descartada.

O Big Brother talvez nunca exista no modelo que conhecemos. A própria popularidade da narrativa contribui para isso, porém a informação alcançou um patamar muito valioso e a capacidade de adaptação quase incondicional está no cerne do capitalismo. O conceito de vigiar e punir, essa possibilidade de adaptação e o desenvolvimento tecnológico, definitivamente tornam possível a leitura de uma versão já existente, mais "sofisticada" e sutil do antagonista da novela. O importante é a visibilidade que o movimento deu e dá à essa questão e, por mais que, muitas vezes, com foco errôneo, paralelos do *cyberpunk* inspirem discussões e práticas que buscam pôr em cheque nossa realidade vigiada.

1.1.2 PREVISÃO

Teóricos do século passado abordaram também a iminência de nossa época da informação, descrevendo cenários que parecem cada vez mais pertinentes. Com destaque aqui para algumas falas do livro "O Meio é a Massagem" um projeto gráfico de Quentin Fiore sobre os escritos de McLuhan, que se torna referência projetual para este trabalho pela relevância e qualidade de seu editorial.

Apesar da leitura otimista da expansão da tecnologia e meios de comunicação, McLuhan falava da onipresença das mídias, e como elas atingem todos nossos sentidos e moldam todos os aspectos da nossa vida – a massagem – e como estamos esgotando a capacidade de compreensão do mundo que criamos tentando acompanhá-lo baseando-nos em tradições e pontos de vista ultrapassados, este último, também é um dos pontos feitos por James Bridle no livro "A Nova Idade das Trevas: a tecnologia e o fim do futuro".

Para o autor é impossível compreender a sociedade sem conhecimento sobre as mídias pelas quais ela se manifesta. A preocupação com o "percurso" ou o meio de comunicação é tão importante quanto ou mais que o próprio conteúdo. É possível traçar um paralelo desse pensamento na influência que o algoritmo de personalização de conteúdo das redes sociais cria bolhas individuais de opiniões e molda o espaço político atual.

Logo no começo do livro dos anos 60, aparecem falas também muito familiares para nosso contexto contemporâneo.

[...] Aparelhos eletrônicos de informação para uma vigilância tirânica e universal, do berço ao túmulo, vem criando um sério dilema entre nosso direito à privacidade e a necessidade coletiva de saber. As noções mais antigas, tradicionais, de pensamentos e ações que ocorrem no isolamento e na privacidade – o padrão das tecnologias mecanicistas – encontram-se sob ameaça muito séria de novos métodos de busca eletrônica instantânea de informação, pelo banco eletronicamente computadorizado de dados e arquivos – esta imensa coluna de fofocas que não perdoa, não esquece e não admite redenção, ou apagamento dos antigos "erros". Já chegamos ao ponto em que o controle corretivo, produzido pelo conhecimento das mídias e o dos efeitos totais que têm sobre nós, precisa ser exercido. [...]. MCLUHAN, Marshall. O Meio é a Massagem (ubu, 2018).

1.1.3 PAN-ÓPTICO

Outra analogia impossível de escapar no que se trata à vigilância é a análise de Foucault sobre o panóptico de Bentham como modelo para vida moderna.

O panóptico de Jeremy Bentham foi idealizado no século XVIII como uma proposta arquitetônica penitenciária ideal. Tendo a disciplina através da vigilância como seu pilar principal. Apesar do modelo surgir voltado para o sistema prisional, poderia ser aplicado a qualquer lugar que se beneficiasse da dinâmica sugerida, como fábricas e escolas.

[...] Não importa quão diferentes, ou até mesmo quão opostos, sejam os propósitos: seja o de *punir o incorrigível, encerrar o insano, reformar o viciado, confinar o suspeito, empregar o desocupado, manter o desassistido, curar o doente, instruir os que estejam dispostos* em qualquer ramo da indústria, ou *treinar a raça em ascensão* no caminho da educação, em uma palavra, seja ele aplicado aos propósitos das *prisões perpétuas* na câmara da morte, ou *prisões de confinamento* antes do julgamento, ou *casas penitenciárias*, ou *casas de correção*, ou *casas de trabalho*, ou *manufaturas*, ou *hospícios*, ou *hospitais*, ou *escolas*. BENTHAM e TADEU – O Panóptico. (Autêntica, 2000) – p.19-20.

A ideia era construir um prédio circular, com as celas em diferentes andares, voltadas para o centro, onde está presente uma torre que permitisse que um ou poucos guardas observassem todos os prisioneiros em um único relance. Adicionalmente, o esquema panóptico, além da possibilidade da observação desobstruída, explorava o mantimento da ordem, a disciplina dos prisioneiros através da simples ideia da monitoração.

No projeto estava previsto que a torre suportaria fortes holofotes apontados para as celas, para que os presos não pudessem enxergar os guardas, concluindo que a mera ideia de estar sob monitoramento constante seria suficiente para ditar o comportamento desejado, coagir o desvio sem a necessidade de um agente humano presente.

Em *Vigiar e Punir* (1975), Foucault descreve o Panoptismo como o *modus operandi* da sociedade moderna. Abre o terceiro capítulo descrevendo um cenário ideal para manifestação do sistema de controle e comunicação disciplinar, a quarentena derivada da peste. Um momento extraordinário, ameaçador, ideal para exercício do poder e próximo de uma "utopia da cidade perfeitamente governada".

Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro e a periferia, onde o poder é exercido sem divisão, segundo uma figura hierárquica contínua, onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído entre os vivos, os doentes e os mortos – isso tudo constitui um modelo compacto do dispositivo disciplinar. – p.174

O cenário descrito aqui aplica-se facilmente à nossa realidade contemporânea. O que muda é a necessidade do "lugar fixo" dos indivíduos. A escrita é em códigos binários e o sistema opera independente do humano, pelo menos até que esse arquivo seja exigido. Pode-se dizer que a cidade dos algoritmos facilita o alcance da "utopia" governamental descrita por Foucault?

O filósofo denuncia o interesse da sociedade panóptica em identificar e categorizar para possibilitar, caso necessário, a coerção correta sobre os indivíduos. Classificados de forma binária entre "normais" e "anormais", "doentes" e "saudáveis" ou então entre rebeldes, subversivos ou não. Casos como esse já foram explorados pela agência de jornalismo Pública em uma série de matérias sobre vigilância policial, seu sistema de narrativa e determinação – praticamente arbitrária – de suspeitos entre manifestantes.

O algoritmo então, "esta imensa coluna de fofocas que não perdoa, não esquece e não admite redenção, ou apagamento dos antigos 'erros'", opera de forma a nos classificar, mergulhando as pessoas na bolha retroalimentada de consumir um único tipo de conteúdo, e adicionando *tags* à nossas personalidades, registradas, agrupadas e comercializadas.

1.1.4 ATUALIDADE

Nas publicações, artigos e matérias atuais sobre o assunto da vigilância essas comparações e menções ao panóptico são ubíquas, porém como explica a matéria "*What does the panopticon mean in the age of digital surveillance?*", do *The Guardian*, o sistema atual de monitoramento não é bem uma tradução do panóptico para a nuvem, a dinâmica tem uma diferença crucial: O panóptico de Bentham influencia o comportamento através da presença constante, explícita. Este também é o papel da torre, um símbolo ominoso, vigilante, sempre visível para impossibilitar, ou ao menos desencorajar comportamentos indesejáveis. O sistema atual, ao contrário da torre, tem por design, qualidade invisível – talvez por isso, a preocupação tão vocal, porém equivocada com as câmeras em lugares públicos e privados, como explora Bruno Cardoso em sua tese de doutorado sobre videovigilâncias, se tornam as representantes, um ícone panóptico que coage pela ideia do monitoramento. O sistema atual, porém, opera na imaterialidade.

"In the panopticon the occupants are constantly aware of the threat of being watched – this is the whole point – but state surveillance on the internet is invisible; there is no looming tower, no dead-eye lens staring at you every time you enter a URL". em: [What does the panopticon mean in the age of digital surveillance?](#)

Existe, adicionalmente, um diálogo entre a invisibilidade e o fetiche da mercadoria de Marx. Estamos num sistema, gerando um produto que nunca vemos, desconhecemos, não consumimos e não necessariamente temos consciência na participação desse processo. O indivíduo é alienado da produção de um dos bens mais valiosos de agora: seu clone virtual.

O capitalismo de vigilância vai de contramão à lógica modernista de redução da informação e da complexidade, a tecnologia dá conta de organizar sistemas mais complexos e se beneficia das individualidades, das especificidades. Quanto mais detalhado um perfil, melhor, por isso faz sentido manter-se invisível, captar sem ser percebido, influenciar apenas as ações de interesse próprio – mercadológico e político. Daí vêm o interesse e a possibilidade da customização, e a dificuldade de evitá-lo.

Dados são valiosos pela capacidade de predição, ou pelo menos a promessa de uma certeza comportamental. Quanto mais, melhor, mais precisa a suposição do algoritmo. Então, maneiras de captar dados se infiltram no maior número possível de interações dentro das cidades. No livro "A Cidade Inteligente: Tecnologias urbanas e democracia", Francesca Bria e Evgeny Morozov apresentam o processo e o interesse de implementar sistemas inteligentes nas cidades. Usam "*smart*", como uma sigla para *Surveillance Marketed As Revolutionary Technologies*.

Smart cities atraem smart citizens, e smart citizens atraem smart money. – BRIA e MOROZOV. A Cidade Inteligente: Tecnologias urbanas e democracia. (ubu, 2019).

Uma parte considerável das críticas de hoje sobre o sistema foca no mito da imparcialidade do desenvolvimento tecnológico. É pintado como resultado inerente, natural do avanço, porém, como é exposto por Ruha Benjamin, autora de *Race After Technology*, em fala para Vox, e por Morozov e Bria, o algoritmo segue uma agenda política clara. O tipo de pergunta que gera o algoritmo como resposta e a ótica pela qual se decide enxergar o problema tendem a favorecer a lógica neoliberal, reiterar estruturas de poder e determinar o acesso e a dinâmica das cidades.

Como esse direito [à cidade] pode ser exercido de forma efetiva quando as infraestruturas já não estão sob controle público e as corporações definem seus termos de acesso – inclusive os termos que regulam como protestos contra elas poderão ser realizados? – BRIA e MOROZOV. A Cidade Inteligente: Tecnologias urbanas e democracia. (ubu, 2019).

Cathy O'Neil também explora esse aspecto de sistemas automatizados em "*Weapons Of Math Destruction*". Em conversa no 99% Invisible, a autora fala em como o algoritmo usa essa cortina da imparcialidade matemática para dar respostas objetivas a "conversas desconfortáveis" no que diz respeito a dificuldades sócio-econômicas. Nos EUA, algoritmos já são empregados para supor perfis favoráveis em todo tipo de serviço. Através de milhares de dados cruzados pode-se determinar clientes mais propícios a pagar empréstimos e aluguéis; o custo de pacientes a planos de saúde; quem daria um bom professor, ou aluno; e também quem é mais provável de ser um criminoso, de repetir um delito e assim determinar uma sentença "justa".

Entretanto O'Neil revela que o problema que vive na concepção de uma IA responsável por questões como as anteriores, alguém, um humano, precisa determinar o que qualifica o "sucesso", qual o perfil passável, ideal para o sistema aprender. E se nada é feito para evitar a parcialidade racial, por exemplo, ele cresce em cima dos dados parciais que é alimentado, como a realidade prisional e criminal racista.

Considerando isso, pode-se entender como a segurança pública mediada por dados torna-se problemática. O investimento de Big Tech nas cidades, geralmente vendido em pacotes, inclui soluções para segurança, que são enviesadas e o caráter sedutor preditivo rapidamente se torna predatório.

[...] (via de regra, o policiamento preditivo reforça desigualdades sociais existentes, uma vez que se baseia em dados enviesados), mas suas desvantagens muitas vezes são colocadas em segundo plano à medida que seus programas mudam de nome e são vendidos como parte de um pacote "smart city" mais amplo. – BRIA e MOROZOV. A Cidade Inteligente: Tecnologias urbanas e democracia. (ubu, 2019).

1.1.5 GUERRA

A tese de doutorado de Bruno Cardoso, "Videovigilâncias, videovoyeurismos e (re)produção imagética na tecnologia digital" de 2010, dá um panorama muito completo das narrativas de insegurança, inimigos, sedução e exagero da promessa de certeza e segurança dada por câmeras de vigilância. Existe uma relação complexa entre o lobby *high-tech*, a imagem de insegurança pintada pela mídia.

Cardoso explora como um sistema ainda jovem de policiamento assistido por câmeras e um sistema unificado de comunicação no Rio de Janeiro, apesar de inefetivo e da insuficiência da imagem como flagrante perante a legislação, a câmera guiada por policiais perpetuava a perseguição de jovens pretos, marginalizados, trabalhadores informais e pessoas em situação de rua – além da ocasional espiadinha em mulheres de biquíni nas praias.

A tática para buscar e prevenir um delito se baseia em reconhecer contrastes. A quantidade de pessoas em grupo, o "pertencimento" de um indivíduo a certo local, comportamento, aparência, tudo pode qualificar um "vagabundo" e a possibilidade grande da iminência de um crime, e esse processo é quase sempre guiado pelo "olhar maldoso", preconceituoso policial.

A narrativa da guerra contra a insegurança é um fenômeno global e objeto de pesquisa de Stephen Graham em "Cidades Sitiadas: o novo urbanismo militar". No livro, Graham tenta explicar a dinâmica que descreve e justifica o militarismo urbano. O autor fala em "novo" urbanismo militar devido ao processo recente de transformação no perfil da guerra.

A partir da guerra ao terror, observa-se uma dissolução das bordas de zonas de guerra, os combates não necessariamente acontecem em locais específicos. No mundo globalizado, países desenvolvidos não têm mais o privilégio de engajar em um conflito de forma relativamente inconsequente ao seu território interno. As guerras se espalham, ultrapassam as margens da zona delimitadas e acontecem em atos ao redor do mundo todo.

Essa lógica, junto a importância de megaeventos esportivos, favorece o discurso de políticas de segurança altamente militarizadas e *high-tech*. Graham fala no fenômeno do "bumerangue de Foucault" para descrever o ciclo de inserção de militarização dentro de países desenvolvidos. O primeiro mundo desenvolve dispositivos e técnicas para serem usados em zonas de conflito na "periferia" ou "sul global" e se vêem obrigados – e possibilitados – de aplicar esses desenvolvimentos dentro de seu território, garantindo, para além da segurança, um controle cobiçado do estado sobre indivíduos.

“Um legado que houve na Olimpíada de Londres em 2012 – e há estudos que apontam isso – é um aparato policial que está mais pronto para reprimir qualquer protesto público. E eu acho que isso também foi feito no Brasil. Um dos legados foi que o aparato repressivo se intensificou como resultado dos grandes eventos”.
Dennis Pauschinger para Pública, 2017.

A expansão da guerra tradicional e o discurso da guerra à insegurança pintam o contexto englobador do momento em que vivemos. Moldam nossas cidades, extingue-se o espaço aberto democrático em troca pelo ambiente "seguro" e delimitado da certeza, a arquitetura se aproxima cada vez mais de enclaves fortificados, como diz Raquel Rolnik; a sedução das soluções de segurança o poder imaginário da tecnologia se infiltram nas cidades, determinam através da relação governo-empresa, o que e como podemos acessar; e a rede de dados cruzados ubíqua, inescapável, a nuvem incompreensível que armazena nossos clones virtuais, nos categorizam devidamente em nome de uma agenda política do lucro e da segurança.

Vivemos um mundo pessimista, discutido há tempos, mas que parece ter escapado das nossas rédeas. A metamorfose do panóptico, vigilância velada, indiscriminada, proporcionada por um avanço tecnológico "natural e neutro" mais rápido do que conseguimos dar conta por inteiro, influencia e determina nossas visões, onde devemos estar e nos encaixa na binariedade do "sucesso" ou "fracasso"; "normal", "anormal" dos algoritmos que tomam as decisões de cada vez mais setores de nossas vidas.

1.2 JUSTIFICATIVA

Se vivemos nesse contexto extremamente monitorado e a implementação de mais tecnologias de vigilância automatizadas é uma tendência global, faz sentido sofrer os efeitos da falta de privacidade, como a supressão de manifestações sociais e grupos militantes baseada na predição.

“Se o sujeito não cometeu crime, não depredou banco nem sugeriu que depredasse banco, o policial não tem por que monitorar. A ideia é que o Estado tenha um arquivo sobre criminosos, e não sobre a população em geral. Senão vira um estado policial”.
Guaracy Mingardi para Pública, 2017.

No Brasil, há pouco tempo os sistemas de monitoramento eram dependentes da operação humana, o que se mostrou extremamente problemático e ineficiente. Esse fator, junto do lobby e sedução da tecnologia, contribui para automação desses sistemas, que traz tantos problemas mais complexos de efetividade e inerentes a algoritmos. Em 2019, foi efetuada a primeira prisão por um sistema de reconhecimento facial no Brasil, no carnaval de 2019, na Bahia.

Uma matéria do O Panóptico, projeto do Centro de Estudo de Segurança e Cidadania (CESeC), que "monitora a adoção da tecnologia de reconhecimento facial pelas instituições de segurança pública do Brasil", aborda como, apesar de vendido sob o discurso da eficiência, esses sistemas têm contribuído para perpetuação do racismo institucionalizado da polícia, além de um "retrocesso em relação à eficiência, transparência, *accountability* [prestação de contas] e proteção de dados pessoais da população", segundo Pablo Nunes, pesquisador e coordenador do CESeC.

Aqui, mesmo com dispositivos sub-par de vigilância, tanto dados como câmeras já apresentam sua parcela de perseguição política. O caso dos 23, processo de 23 manifestantes dos movimentos de 2013 por associação criminosa, é um exemplo famoso controverso de como sistemas de vigilância através de dados atuam para pintar o retrato de pessoas como inimigos e usar o aparelho judicial para mandar uma mensagem.

A agência de jornalismo Pública tem uma seção dedicada à vigilância e explora muito de como ela se manifesta no Estado brasileiro. Reúne em suas matérias uma coletânea de escândalos da atividade policial. Com foco nas manifestações de 2013 e 2016, denuncia ações controversas de policiais à paisana e as consequências do monitoramento ostensivo sobre seus alvos. Além das velhas práticas de flagrantes forjados, agentes P2 (disfarçados) provocadores e grampos; táticas de monitoramento dos perfis em redes sociais, infiltração através de aplicativos de paquera, estão todas presentes.

Destaque para a série de vídeos "Sempre Vigiyados". Com relatos de pessoas que encabeçaram – ou foram designadas como tal – atos e protestos que iam na contramão de interesses político-econômicos e mostra como a vigilância constante deixa sequelas psicológicas permanentes em suas vítimas. Na série e em outras matérias, todos os entrevistados mencionam depressão e/ou paranóia semelhantes ao efeito panóptico.

O fichamento preditivo por expressão política é sintoma grave de fascismo, e no Brasil recente de "projetos que ignoram a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), não há nenhuma preocupação dos governos em elaborar mecanismos de *accountability* voltados para as tecnologias de reconhecimento facial e nem protocolos para segurança dos dados coletados"¹, e da política de extrema direita com ameaças constantes a jornalistas e ativistas, como no caso da "Lista de Antifas" do Dep. Douglas Garcia. Um documento de mais de 900 páginas com fotos e dados pessoais de manifestantes gerado a partir da "delação" de auto-declarados antifascistas requisitada pelo deputado através do Twitter.

Esses casos descrevem um cenário ameaçador para manifestantes e principalmente pessoas negras. Um ambiente virtual sempre monitorado, capaz de criar bodes expiatórios e torturar em nome da "segurança".

Outra coluna que compõe o projeto deste trabalho é a presença constante do argumento da necessidade de buscar compreender e discutir o sistema de monitoramento que já nos é tão natural, de forma a combater sua invisibilidade. A vigilância através dos dados ocorre de maneira silenciosa, apoiada pela dificuldade de compreensão do sistema, suas barreiras de linguagem e interfaces; e por praticamente uma impossibilidade de abandonarmos as redes. Para ser enfrentada, precisa ser primeiro exposta.

¹ Novas ferramentas, velhas práticas: reconhecimento facial e policiamento no Brasil. NUNES, Pablo.

1.3 OBJETIVOS

Com o perfil da vigilância compreendido e os exemplos concretos do item anterior, foi definido que uma possível solução: Criar uma alternativa de comunicação e organização mais segura, bem como provocar o engajamento com o assunto da vigilância.

Para tal, os objetivos são:

- Criar um sistema utilizável de comunicação não rastreável voltado para militantes brasilienses.
- Instruir seu uso.
- Gerar material provocativo visando engajar o leitor com a questão.
- Familiarizar a nível introdutório o leitor sobre a problemática.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 FASE INICIAL

A ideia inicial do projeto veio a partir de imagens dos protestos chilenos em 2019. Cenas de embate entre manifestantes e policiais tomadas por lasers verdes, usados para cegar os agentes, câmeras, derrubar drones da polícia... Uma medida nova necessária para responder a uma nova tecnologia de identificação. A natureza dinâmica, caótica, cheia de néon das imagens remete a visualidade do cyberpunk então pensei em estudar os paralelos.

De início pretendia apenas mapear as semelhanças e o que teria já extrapolado a ficção, se feito presente na vida real atual. Presentes distópicos ao invés de futuro.

Durante a pesquisa sobre ciberativismo, o escopo do tema foi mudando. Partindo da militância analógica, nas ruas, contra câmeras, o buraco se mostrou mais fundo com os dados e nuvens. Uma nova perspectiva sobre o potencial maléfico das tecnologias foi encontrada com a pesquisa teórica.

O escopo maior e a rede complexa das relações tecnologia, indústria, predição, mercado, Estado, direitos e cidade revelado por Morozov e Bria, Graham e Rolnik. Daí pude entender que a questão de monitoramento e controle não é de agora, os meios mudam, mas o padrão continua de acordo com o Panoptismo de Foucault e outros teóricos da comunicação dos anos 50 e 60.

Nesse momento, a questão parecia impossível de ser abordada por ser um problema tão complexo e crônico. Buscando por materiais que tentassem instruir pessoas a lidar com o monitoramento sistêmico ubíquo, encontrei as referências para este projeto.

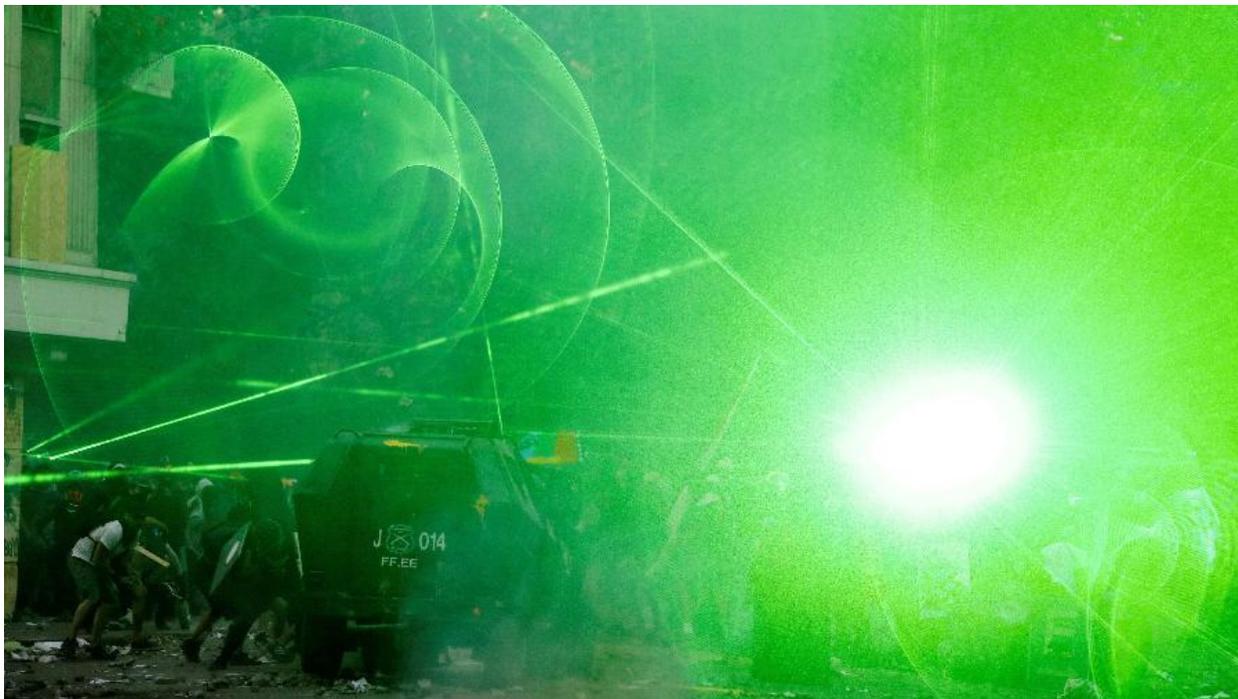


Fig. 1 – Lasers têm sido usados por manifestantes para combater repressão policial no Chile.
Imagem: Ivan Alvarado/Reuters.

2.2 REFERÊNCIAS PROJETOAIS

2.2.1 THE ANARCHIST COOKBOOK

Um dos manuais de militância mais conhecidos é a publicação de 1971, *Anarchist Cookbook*, de William Powell que foi comprado e distribuído pela Barricade Books na época. É comercializado até hoje, contra a vontade do autor. PDFs gratuitos do livro são encontrados facilmente na internet, mas, aparentemente, muitas versões têm suas receitas adulteradas na intenção de prejudicar quem tentar reproduzi-las.

Anarchist Cookbook surge do interesse de munir as pessoas de informação útil para uma revolução e parte tanto do interesse de se posicionar contra a guerra do Vietnã, quanto da virada violenta da onda de manifestações antes pacíficas que varriam os EUA².

É um grande manual, feito de maneira independente por seu autor aos 19 anos de idade. Reúne um compilado bastante denso e controverso de receitas para confecção e compreensão de itens e táticas, passando por operação de armas, confecção de bombas, uso e fabricação caseira de drogas e práxis de resistência, desobediência civil e manifestação pública. Um capítulo é dedicado à contra-espionagem, expondo o funcionamento básico das tecnologias envolvidas e alternativas para combatê-las.

Do livro, foi tirado a linguagem visual *lo-fi*, semelhante a de zine e o tom instrutivo.

² Nota do autor disponível em [The Anarchist Cookbook: William Powell. Peter Bergman: 9780962303203](#)

Contents

	<i>Page</i>		<i>Page</i>
A prefatory note on Anarchism today	9	<i>Chapter Three: NATURAL, NONLETHAL, AND LETHAL WEAPONS</i>	77
F oreword	27	Natural weapons	78
I NTRODUCTION	29	Hand-to-hand combat	79
<i>Chapter One: DRUGS</i>	31	Application of hand weapons	81
P ot	31	Hand weapons	81
P eyote	31	Knives	81
P silocybin	50	Impromptu weapons	83
D MT	53	Brass knuckles and clubs	85
B ananas	55	Cattle prod	85
A mphetamines	55	Garrote	85
A myl Nitrate	56	Guerrilla Training	87
C ough Syrup	56	Pistols and revolvers	89
G lue	58	Holsters	92
N alline	58	Rifles	93
C ocaine	58	Semi-automatic and automatic weapons	95
H eroin	58	Shotguns	98
N utmeg	58	Converting a shotgun into a grenade launcher	98
P aregoric	58	Silencers	98
P eanuts	58	H ow to build a silencer for a pistol	100
H ydrangea leaves	59	H ow to build a silencer for a submachine gun	103
<i>Chapter Two: ELECTRONICS, SABOTAGE, AND SURVEILLANCE</i>	61	Bows and arrows	103
E lectronic bugging devices	63	Chemicals and gases	104
M icrophones	65	H ow to make tear gas in your basement	104
B umper beepers	68	D efense and medical treatment for gases	105
V oice-activated tape recorders	68	<i>Chapter Four: EXPLOSIVES AND BOOBY TRAPS</i>	111
E lectronic bug detection	69	H ow to make nitroglycerin	113
E lectronic jamming	70	H ow to make mercury fulminate	114
E lectronic scramblers	70	H ow to make blasting gelatin	114
M ail order and retail electronics outlets	70	F ormulas for the straight dynamite series	114
B roadcasting free radio	71	H ow to make chloride of azode	115
T elephone and communications sabotage	72	F ormulas for ammonium nitrate compounds	116
O ther forms of sabotage	74	F ormulas for gelatin dynamites	117
		H ow to make TNT	118
		T HE ANARCHIST COOKBOOK /	5

Fig. 2 – Parte do sumário do livro.

2.2.2 THUNDERCLAP

Durante a pesquisa por métodos de evitar a ciber vigilância, tive a sorte de poder ter acesso à uma edição da revista da AIGA, *Eye on Design*. A primeira revista da reedição tem como tema a invisibilidade e uma das matérias aborda o trabalho da designer, professora e pesquisadora Amy Suo Wu.

Wu estuda a vigilância digital e censura, e propõe experimentos gráficos baseados na esteganografia. Prima da criptografia e taxada como obsoleta por seu caráter low-tech, a esteganografia foca em esconder a existência da mensagem, ao invés de seu significado. Coisa de tinta invisível e outras histórias de guerra.

Amy aposta na esteganografia justamente por ser low-tech, depender da interação humana, ser dependente de interpretação e, assim, poder escapar a onisciência dos algoritmos. Uma das técnicas esteganográficas consiste na camuflagem. Entender o contexto e emular algo comum demais para levantar suspeitas, instrumentalizar símbolos corriqueiros.

Um de seus trabalhos, a zine "*Thunderclap*", pratica este conceito na intenção de divulgar escritos feministas de He-Yin Zhen, que têm sido censurados na China desde suas criações, por volta do começo do século XX.

Thunderclap utiliza a moda como camuflagem, baseada na estética do *street fashion*, ubíqua entre os jovens nos grandes centros urbanos. Mais especificamente, mimetiza o design dos itens da marca Off-White, usando a tipografia icônica para a marca, escreve mensagens politizadas e disponibiliza um QR Code – que é comum o suficiente no país – para interessados acessarem uma zine sobre o projeto e os escritos de Zhen.

Apesar de, no projeto original, a mensagem não estar muito escondida além do sistema de caracteres e contexto, *Thunderclap* se tornou a principal referência deste trabalho.



Fig. 3 – Cinto Off-White (à esquerda) e acessórios Thunderclap.

2.2.3 O MEIO É A MASSAGEM

Como mencionado anteriormente, a colaboração entre Marshall McLuhan e Quentin Fiore é uma das referências para esse projeto pelo editorial de destaque. O livro é uma interpretação do designer Fiore sobre os escritos de McLuhan.

Além da diagramação textual de alta qualidade, o livro apresenta uma série de experimentações. Exploração semiótica dentro do texto e experimentações com tipografia e imagens. Essa experimentação e a relação texto-imagem foram referência para a visualidade deste projeto.

2.2.4 CONCRETISMO

Mais adiante no desenvolvimento, foi tomada a decisão de criar um sistema de escrita dependente de tradução, e nessa fase a principal referência vem do Concretismo, mas especificamente de sua poesia.

O movimento modernista brasileiro influencia o design passando por suas experimentações semióticas. Testa a formalidade da palavra em hierarquia semelhante a seu significado e traça inúmeros relacionamentos visuais com tipografia e suporte. Brinca, também, com a poesia independente da escrita, explorando a relação entre ícones.

Um dos braços da poesia semiótica, de funcionamento através da interpretação dos símbolos e desenhos a partir de uma chave léxica foram os exemplos coletados aqui. Com destaque para Ronaldo Azeredo. Adicionalmente, vale ressaltar, os intersignos de Philadelpho Menezes, especificamente a obra *Chicletes* (1984) e, também, as *Coca-Colas* de Cildo Meirelles serviram como inspiração para o projeto.

VVVVVVVVVVVV
 VVVVVVVVVVE
 VVVVVVVVEL
 VVVVVVVELO
 VVVVVVELOC
 VVVVVELOCI
 VVVELOCID
 VVELOCIDA
 VVELOCIDAD
 VELOCIDADE

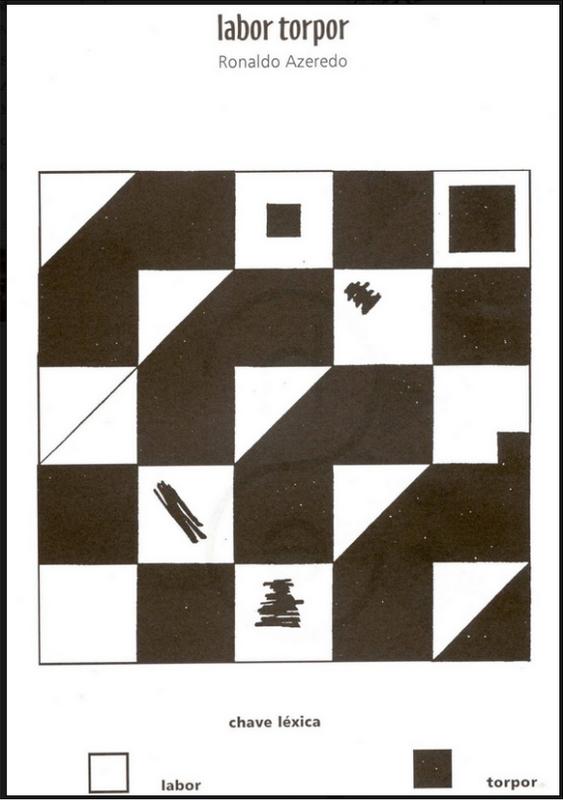


Fig. 4 – Ronaldo Azeredo, 1959 e 1964, respectivamente.



Fig. 5 – Philadelpho Menezes (1984).



Fig. 6 – Cildo Meireles (1970).

2.3 MEMORIAL DESCRITIVO

Com a necessidade de uma comunicação quase invisível e as referências em mente, foi decidido criar um conjunto gráfico que provocasse um engajamento com o assunto da vigilância digital. Composto por uma fonte esteganográfica, um conjunto de cartazes físicos e impressos que a utilizem e possam ser decifrados, com a intenção de levar à links relevantes. Uma zine informativa sobre monitoramento e com instruções sobre a fonte será um dos links revelados pelo cartaz.

2.3.1 FONTE

Optou-se por uma fonte para que pudesse ser utilizada por mais pessoas com menor dificuldade de composição.

Buscando utilizar da técnica esteganográfica de Wu em *Thunderclap*, foi decidido que a fonte seriam dingbats dos azulejos de Athos Bulcão. Já que são praticamente sinônimos da visualidade de Brasília, a escrita poderia ser arranjada de forma semelhante a um painel qualquer. A ideia também dialoga com as barreiras de linguagem que circulam os algoritmos.

O requisito de camuflagem no painel foi o que determinou a escolha dos azulejos e a construção dos caracteres de forma monoespçada. A partir daí estabeleceu-se o requisito de serem azulejos mais populares, presentes em lugares de maior circulação, excluindo os presentes em blocos residenciais, prédios empresariais e órgãos públicos, com exceção dos presentes no IdA, pois o público universitário é parte importante do público alvo do projeto. Junto dos azulejos do Instituto de Artes, foram escolhidos os das paradas do Parque da Cidade, Igreja da 108 Sul e Aeroporto Juscelino Kubitschek.

Inicialmente, foi verificado que utilizando um único azulejo como base, era possível variá-lo de 90 em 90 graus, gerando 4 posições, logo 4 caracteres distintos. Para esse mesmo azulejo foram pensadas 3 variações de cor e preenchimento. Então com um azulejo, 4 posições para cada um dos 3 estilos, fazem-se 12 caracteres. Assim, com 3 azulejos diferentes pode-se gerar os 36 caracteres básicos do alfabeto latino mais os numerais 0 à 9.

Porém, como a intenção é simular um painel, faz sentido que os azulejos semelhantes estejam próximos, e para tal foi definido usar a estrutura do teclado QWERTY como base. Seguindo a divisão de 4 em 4 (QWER – TYUI – OPAS, em diante) sobram as teclas N e M. O mesmo acontece para a sequência de números, onde, pela estrutura do teclado, sobram 9 e 0. Para compensar essa separação, foi decidido então usar 4 tipos de azulejos, um deles dedicado aos caracteres que "sobravam": N, M, 9 e 0.

Adicionalmente, como a intenção é poder compartilhar links, surgiu uma questão que não tinha sido levada em consideração na concepção da fonte. Links necessitam de diferenciação entre caracteres altos e baixos, para incluir este fator na fonte, a diferenciação foi feita pela moldura do símbolo. Um símbolo caixa alta é envolto por um quadrado, seu par caixa baixa não. A maior dificuldade residiu na diferenciação dos caracteres brancos dentro da moldura preta, pois nesse caso o fundo não pode ser completamente removido sem confundir a letra com uma outra no estilo *outline*.

A questão do link, também trouxe a demanda por símbolos e pontuação. Esta foi resolvida pela criação de símbolos dentro de molduras de forma a manter o mono espaçamento e atrapalhar o mínimo o visual de painel desejado. Cada símbolo foi associado a sua tecla correspondente no teclado.

Mais um aspecto desejável era que a fonte fosse aplicada de tal forma nos cartazes que não permitisse simplesmente aprender o "alfabeto dingbat" e traduzi-lo imediatamente. Esse processo será descrito a seguir.

Foi nomeada Athos Mono Medium. "Medium" por uma brincadeira entre o termo descritivo de peso usado por famílias tipográficas diversas e pela habilidade do médium de conversar com espíritos, fantasmas, seres invisíveis.



Fig. 7 – Fonte completa com símbolos.

2.3.2 CARTAZES

Com a fonte resolvida, está pronta para ser aplicada no cartaz-painel para formar uma esteganografia. Como mencionado, há a intenção de impossibilitar a tradução direta, então foi pensado uma forma de tirar o significado dos dingbats das letras do teclado as quais foram associados.

Para tal, foi tomada a decisão de incluir no cartaz uma chave léxica, semelhante aos poemas semióticos tomados como referência. A proposta tem um diálogo inerente com a esteganografia, pois como diz Amy Suo Wu na matéria para a revista da AIGA, o processo esteganográfico consiste em esconder a mensagem atrás de uma porta e desenvolver, também, sua chave reveladora.

A chave aqui é um pangrama para que cada letra possa ser representada e decifrada. Foi incluída de forma discreta no cartaz, para que pudesse manter seu caráter insuspeito, relevante apenas para aqueles que desejam engajar na atividade de tradução.

Como a camuflagem de painel é dependente da tipografia mono espaçada da Athos, uma fonte mono convencional foi escolhida para compor o pangrama, na intenção de associar o escrito dos dingbats à chave pela estruturação semelhante em número de linhas, caracteres por linhas, e pelo desenho da frase e a posição de suas pontuações. A fonte escolhida foi a GT America Mono. No projeto foram elaborados 2 cartazes com pangramas diferentes. "Quem traz cd, lp, fax, engov e whisky, JB?" e "the quick brown fox jumps over the lazy dog".

Com o pangrama definido, para a operação correta do cartaz, a fonte Athos deve ser escrita simulando o pangrama em números de caractere por palavra, mas seguindo o sentido do teclado e levando em consideração as letras repetidas. Por exemplo, se o pangrama é "The quick brown fox [...]", o painel correspondente seria escrito como "Qwe rtyui oyp [...]". O "Y" se repete pois está representando a letra "O" que foi introduzida na frase anteriormente com a palavra "brown".

O exercício então consiste em copiar a quantidade de caracteres, mas sempre atento aos repetidos e ao último caractere original que foi digitado. No exemplo anterior, a próxima letra seria representada pelo dingbat "A" em Athos, e o "S" em seguida. Exemplo na figura 24.

O cartaz habita em uma dinâmica conflitante de precisar sumir e ser lido. Para dar algum nível de convocação a ser lido, foi pensada uma chamada que incentivasse o engajamento. Um título e um pequeno texto que fosse descritivo e provocador foram inseridos.

Título e texto juntos formam a frase: Sorria, você está sendo monitorad@. Uma adaptação da frase comum das placas presentes em ambientes monitorados por câmeras. O título é tratado com um efeito de desfoque para remeter tanto a ideia de desaparecimento, quanto para sugerir que o espectador se aproxime. O efeito foi então reticulado para permitir a reprodução do cartaz em serigrafia.

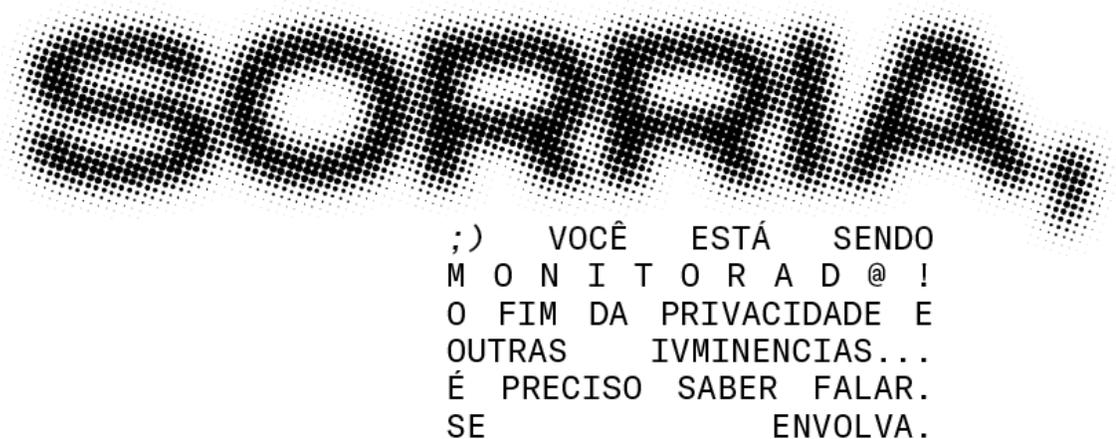


Fig. 8 – Título do cartaz mais chamada.

Muito do cartaz se baseia na diagramação e posicionamento das fontes, então para dar continuidade a brincadeira de espaçamentos, o parágrafo é um bloco com justificação bastante irregular, também composto pela GT America Mono.

O grid é modular e foi feito a partir da entrelinha definida para a tipografia do texto de chamada, tendo em vista que é o maior bloco de leitura convencional dos cartazes. Foi desenvolvido de tal forma que permita a digitação de um pangrama de até 49 caracteres – levando em consideração os espaços entre palavras – 2 vezes. Uma para caracteres caixa alta e outra caixa baixa. "A"s, um maiúsculo e um minúsculo, foram posicionados no início de cada versão respectiva do pangrama para diferenciar a forma escrita. Cada "A" teve o mesmo tratamento do título para dar maior sutileza à sua presença.

Os cartazes também possuem pequenos indicadores de "chave" ou "porta" para que a associação e tradução sejam feitas de forma correta, mesmo com mais de um cartaz nas ruas ao mesmo tempo. Chave 1, porta 1; chave 2, porta 2. O cartaz porta, usa a mesma estrutura, mas dispõe do espaço dedicado aos dois pangramas para poder ser preenchido com links de até 100 caracteres. O link a ser decifrado pode ser disposto de múltiplas maneiras, de modo a simular um painel, e foi posto uma margem em volta do painel porta para sugerir ser um texto único, mesmo caso esteja muito disperso.

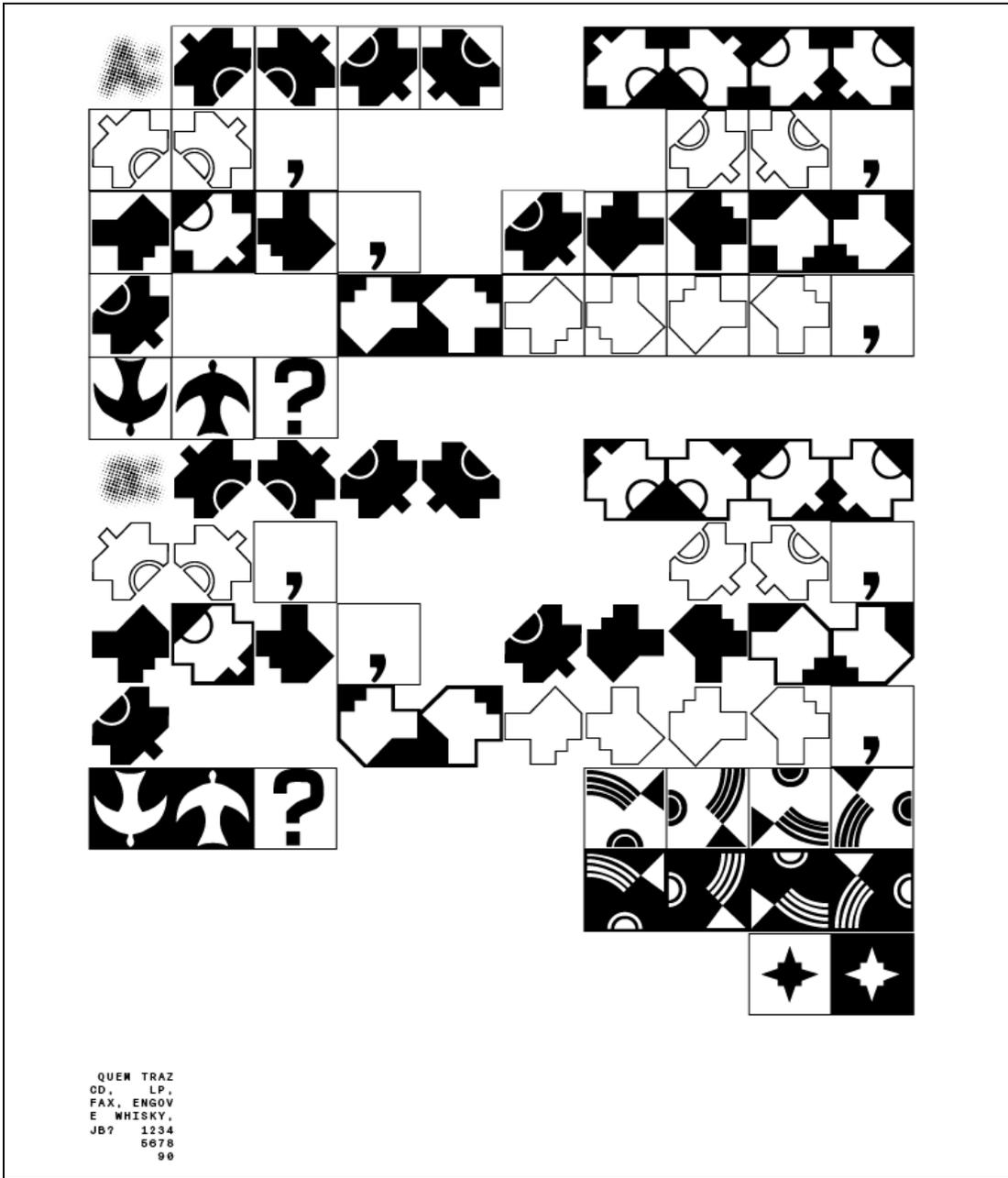


Fig. 11 – Detalhe: pangrama chave (canto inferior esquerdo).

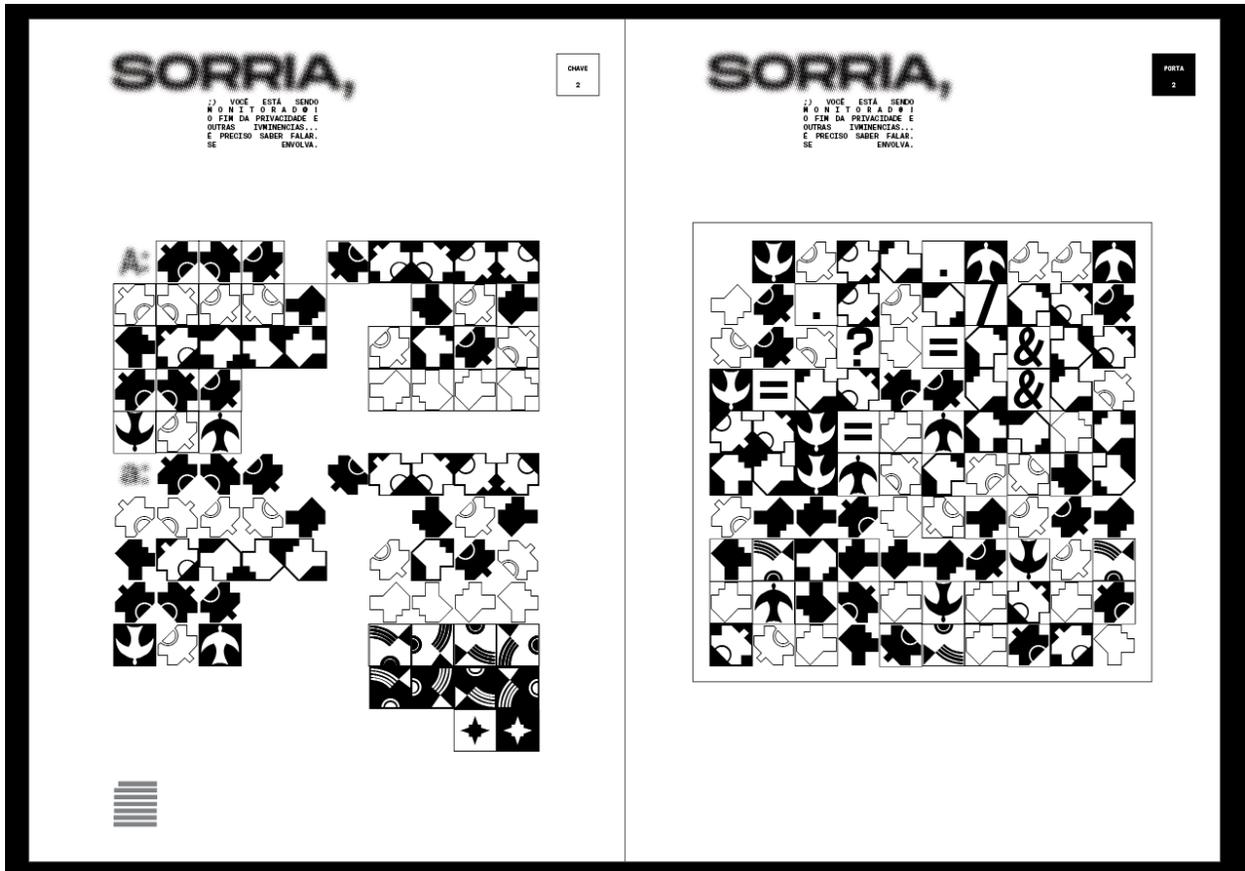


Fig. 12 – Cartazes chave 2 e porta 2.

Para este projeto foram elaborados 2 pares de cartazes. No porta 2 está escrito um link de 99 caracteres que leva à um Google Drive com um PDF de *Anarchist Cookbook* disponível para download. Foi feito principalmente como exercício para o grid determinado. O principal para este trabalho é o conjunto 1, que tem em sua porta o link para uma zine sobre o tema. A zine foi subida para internet através do site *anonymousfiles.io*, uma ferramenta de upload que checa apenas por vírus e não registra dados da operação.

2.3.3 ZINE

Entrando na necessidade de informar e expor o sistema da vigilância, um material introdutório ao assunto foi desenvolvido. Um material digital, para que possa ser acessado de qualquer lugar, sem necessidade de impressão e que possibilita algum nível de interação, como utilização de hiperlinks. A zine foi a inspiração escolhida por ser o suporte típico usado tanto para difundir ideias de diversos movimentos sociais, quanto para expressão pessoal.

A zine tem os objetivos de introduzir a problemática, exemplificar sua manifestação, sugerir contramedidas e provocar um engajamento. Com isso em mente então, o conteúdo desse foi dividido em 3 seções.

- "SABER", onde encontra-se uma explicação do projeto, seu contexto e uma introdução a problemática do monitoramento;
- "VER", que contém uma pequena discussão sobre como a vigilância ameaça a expressão política. Aqui também está a parte de exemplificação. Na intenção de ser um ponto de partida para compreensão da questão na prática e oferecer conteúdo instrutivo sobre contramedidas, uma curadoria de materiais relevantes foi feita e inclui a cobertura da Pública sobre vigilância; duas reportagens sobre a lista de antifascistas do deputado Douglas Garcia; link para o livro completo "Bela Baderna: ferramentas para revolução"; link para o portal do projeto "O Panóptico – monitor de reconhecimento facial", que explora a relação da tecnologia emergente no Brasil e perpetuação do racismo; também uma matéria do El País relacionada ao tema e projeto anterior. Também 3 link em língua inglesa exclusivamente. 2 matérias em vídeo sobre os protestos recentes de Hong Kong, como manifestantes têm lidado com monitoramento lá; e por final, uma página sobre os experimentos de Michael Naimark sobre cegar câmeras com lasers. Todos os links, de alguma forma, serviram a este trabalho durante a pesquisa.
- "SUMIR" onde estão a apresentação da esteganografia – bem como hiperlink para o site de Amy Suo Wu – e a sugestão. No caso, a instrução para uso da fonte Athos.

A zine faz proveito de alguns elementos do cartaz a fim de amarrar a identidade e o projeto como uma coisa só. O título do cartaz é reutilizado; a mesma unidade do grid modular usado para os cartazes também foi aplicada ao material; a fonte GT America Mono ganha mais destaque e é usada como uma espécie de olho ou título para cada parte de cada seção.

Para compor a visualidade do material foi escolhido o azul "PANTONE Reflex Blue C" por remeter tanto aos azulejos da igreja, quanto à infame "tela azul", um problema sério de software ocasional em sistemas Windows. A cor também apresenta contraste suficiente ao fundo branco de forma a não interferir tanto na legibilidade. A cor foi aplicada às imagens e à tipografia. O preto aparece eventualmente para complementação ou destaque. As imagens foram escolhidas, editadas e feitas baseadas nas referências projetuais.

A fonte escolhida para o texto foi a Droid Serif. Uma fonte serifada para contrastar com as outras duas sem serifa presentes no projeto, desenvolvida para o sistema Android, apropriada para boa legibilidade em tela.



Fig.13 – Capa.

SABER

A ESTÁ PELO ESTADO
PRIVACIDADE MORTA, OU MENOS EM TERMINAL



monitorad@

Sorria, você está sendo ~~filmeado~~ ~~filmeado~~. O tempo todo, não só pelas câmeras nas ruas e salas; não só por GPS e redes sociais, mas por todo tipo de ação. É aqui que entra a frase “quando algo é de graça, você é o produto”.

Dados são muito valiosos. Seu CPF em estabelecimentos, por exemplo, serve para muita gente. A nuvem, uma teia de conexões que poucos podem acessar, poucos a vêem, e quem acessa, a usa pra ditar muita coisa da sua vida.

O fato é: a privacidade está morta, ou pelo menos em estado terminal. Com ela indo, é questão de tempo até que muito dos nossos direitos suigam.

A falta de privacidade é marca de totalitarismo, mas não é só o olho do Estado que pode ser perigoso, empresas também têm exercido uma influência cada vez maior em como experienciamos o mundo, dizendo ao que temos direito e determinando quem somos, o que experienciamos...

Fig. 14 – página 1.



Fig. 15 – página 2.

S . M . A . R . T
S U R V E I L L A N C E
M A R K E T E D A S
R E V O L U T I O N A T Y T E C H

A sigla S.M.A.R.T é de autoria de Evgeny Morozov, sua tradução é “Vigilância Vendida Como Tecnologias Revolucionárias” e descreve como a vigilância infiltra nossas vidas cada vez mais. Ela é vendida por empresas, comprada pelas cidades e promete uma certeza de comportamentos.

Essa certeza pode ser traduzida para controle. O que você pensa, com quem se relaciona, como deve ser categorizad@... Tudo disponível para uso insupervisionado por empresas ou o governo.

Nem tudo que pode ser feito, deve. A tecnologia tem essa maquiagem de ser neutra e um avanço natural, mas carrega uma agenda política. É preciso estar atento.

Esse tipo de controle e influência tendem a ser mal vistos, por isso esses sistemas são intencionalmente invisíveis, e aí mora muito do perigo.

Fig. 16 – página 3.

VER
NÃO É BEM O BIG
BROTHER, OU CASO
DE USAR CHAPÉU DE
ALUMÍNIO, MAS...



O que compõe o problema da vigilância contemporânea, então?

É um sistema de controle, baseado na capacidade de previsão, fruto de uma economia, que se beneficia de acumular o máximo de informação para ensinar um algoritmo a interpretar todos. Para isso se infiltra no máximo de interações possíveis, de forma invisível – e por isso insuspeccionada – e atua em ferramentas que não podemos abandonar, como redes sociais.

Delicado, sim. E qual a alternativa? Até onde deve ir a paranóia? Devemos abandonar as redes? Difícil, pois além da ideia de boicote efetivo ser muito otimista, talvez já seja até tarde demais.

Especialistas sempre falam na necessidade de se informar. Então poder vigiar e exigir controle e ética na prática de extrair e aplicar dados, principalmente se você se preocupa em manter uma voz militante.

Ok, não é bem o Big Brother, ou caso de usar chapéu de alumínio, mas no mundo inteiro a tecnologia têm mudado o perfil de ação policial, otimizando a capacidade da instituição de acabar com qualquer manifestação social. Seguindo em frente, precisamos saber com o que teremos de lidar.

O novo perfil da operação policial para “manter a ordem” exige novas condutas de militância, para exercer nossa voz de forma segura.

Fig. 17 – página 4.

EXEMPLOS DE POLÍCIA MILITÂNCIA E HIGH TECH E BRASIL E MUNDO

VER

Publica
Especial
VIGILÂNCIA

Publica - Vigilância

The Intercept
Brasil

Reportagens: Lista de Antilhas

EL PAÍS

Bela Baderna: ferramentas para revolução

O Panóptico - Monitor de reconhecimento facial

What It Takes to be a Hong Kong Frontline Protester*

How Hong Kong Protesters Evade Surveillance With Tech | WSJ*

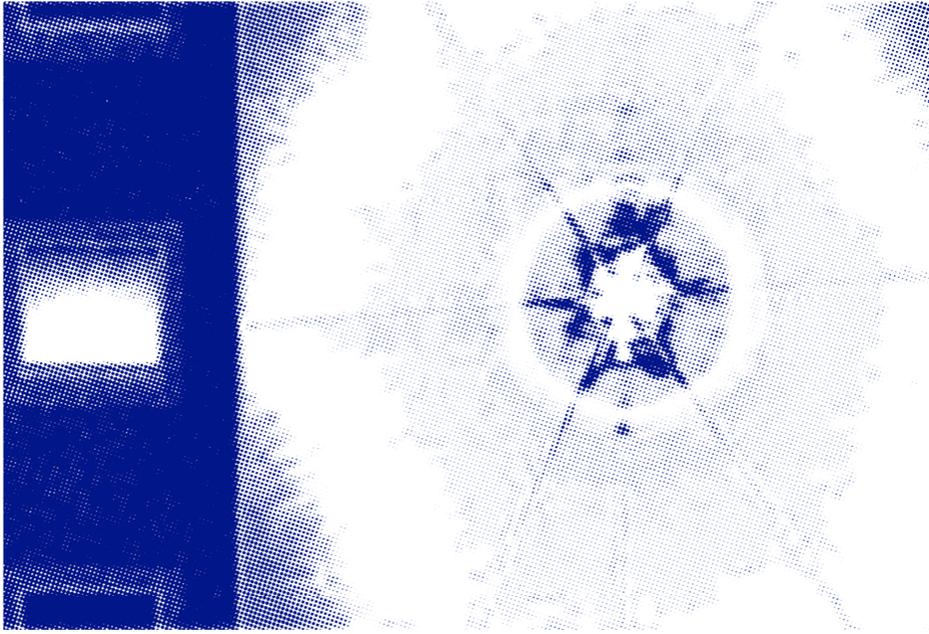
O algoritmo e o tráfego nosso de cada dia

How to Zap a Camera*

clique na imagem para ser redirecionad@

* conteúdo em inglês

Fig. 18 – página 5.



DESAPARECER

Fig. 20 – página 7.

SUMIR
FICA EVIDANTE A
NECESSIDADE DE
PENSAR ALTERNATIVAS
DE COMUNICAÇÃO

Levando em consideração que somos sujeitos de observação unilateral, e coisas como interesses, associações e opiniões virtuais dão insumos para justificar uma imagem de criminalidade, fica evidente a necessidade de pensar alternativas de comunicação que não sejam rastreáveis digitalmente.

Usar o Telegram para organização de atos, por exemplo, é um bom começo. Amy Suo Wu, professora de design, aprofunda e parte do estudo da esteganografia como alternativa segura de espalhar discursos de protesto.

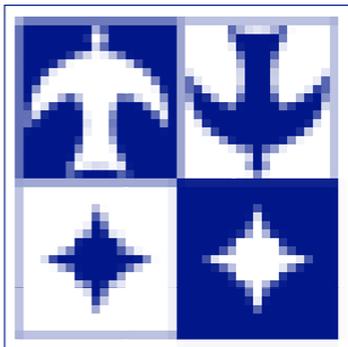
Prima da criptografia e taxada como obsoleta por seu caráter low-tech, a esteganografia foca em esconder a existência da mensagem, ao invés de seu significado. Coisa de tinta invisível e outras histórias de guerra.

Amy aposta na esteganografia justamente por ser low-tech, depender da interação humana, ser dependente de interpretação e, assim, poder escapar a onisciência dos algoritmos. Uma das técnicas esteganográficas consiste em instrumentalizar símbolos e estéticas habituais demais para levantar suspeita ao olho desatento. Dessa lógica surge a seguinte proposta.

Fig. 21 – página 8.

SUMAR

LOW-TECH, HIGH-LIFE
UMA SUGESTÃO
ESTEGANOGRÁFICA
PARA BRASÍLIA



Instrumentalizar uma estética comum para camuflar uma mensagem em sua imagem é a ideia geradora da fonte Athos Mono.

Uma fonte dingbats que instrumentaliza o trabalho gráfico de Athos Bulcão – praticamente sinônimo de linguagem visual brasileira – na intenção de comunicar algo que só pode ter significado a quem tiver a *chave* necessária para traduzir. No espírito da poesia concreta do modernismo brasileiro, poesia semiótica com suas chaves léxicas.

Fig. 22 – página 9.

QWER
XCVB
1234
NM90

SUMIR



A fonte funciona da seguinte forma: os azulejos de Bulcão estão mapeados para cada letra, caixas alta e baixa, e devem ser digitados baseando-se na posição dos caracteres no teclado, levando em consideração os caracteres repetidos.

São 3 estilos para cada azulejo e 4 posições para cada estilo. A ideia é simular um painel, uma brincadeira gráfica sem mensagem.

O significado real de cada azulejo vai depender de um pangrama chave que definirá a posição de cada caractere.

Como há a intenção de comunicar links úteis, é necessário a diferenciação entre caixa alta e baixa. Com isso, caracteres altos e baixos são iguais em estilo e posição, diferenciando-se pelas margens, exemplificado ao lado.

Para a camuflagem de painel, a justificação deve ser alinhada à esquerda, os valores de kerning e tracking devem ser 0, e a entrelinha em 60,1% do tamanho do corpo (multiplicar por 0,601).

THE QUICK
BROWN FOX
JUMPS OVER
THE LAZY DOG
QWE RTYUI
OPASD F_G
H_JKL _Z_
__ XCVB N_M

QWE RTYUI
OPASD F_G
H_JKL _Z_
__ XCVB N_M

THE QUICK
BROWN FOX
JUMPS OVER
THE LAZY DOG
QWE RTYUI
OPASD F_G
H_JKL _Z_
__ XCVB N_M

THE QUICK
BROWN FOX
JUMPS OVER
THE LAZY DOG
QWE RTYUI
OPASD F_G
H_JKL _Z_
__ XCVB N_M

TYUI = 
tyui = 

tamanho N pts:

entrelinha ajustada
($N \times 0.601$):


Fig. 23 – página 10.

QWER
XCVB
1234
NM90

SUMIR



Athos Mono Medium



Concordo que não é o meio mais direto de comunicação, mas um compartilhamento mais seguro está justamente atrás do exercício laborioso e necessário de tradução. Existem outros cartazes e a chave pode ser entregue apenas a quem interessar.

Assim como o link para este material, sugiro que mais conteúdo subversivo seja upado para o anonymousfiles.io, um site de compartilhamento que checa apenas por vírus e não registra nada do upload.

Enfim, aqui está minha provocação – especialmente a nós projetistas. A privacidade morreu e, principalmente para vozes políticas, é preciso saber falar. Comunicar e exigir. Estamos correndo novos riscos devido ao registro dos nossos dados, precisamos de novas maneiras.

Como contribuir para uma participação política justa? Que perguntas estão gerando nossas soluções? A ótica é social ou mercadológica? Que etapas estão fora do projeto? É problema nosso, e é cada vez maior e mais urgente.

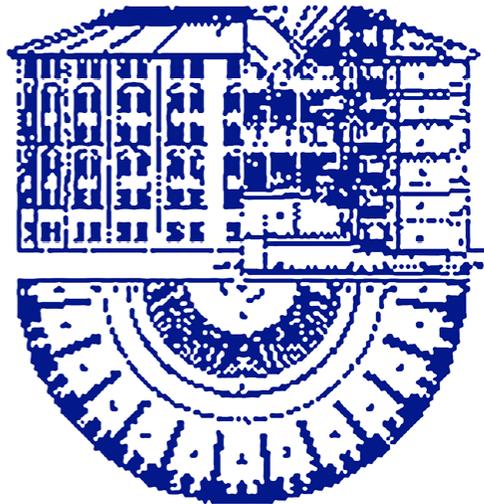
Fig. 24 – página 11.



boa sorte pra gente



Fig. 25 – página 12.



imagens da internet por:

Bogomir Doring – Faceless: Re-inventing privacy
mandalaybus – Sneaking a Peek

Michael Paulukonis – Foil | tin (aluminum)

Studio Incendo – Hong Kong anti-extradition bill
protest

+ retiradas dos links mencionados.

Fig. 26 – página final, créditos.

3. CONCLUSÃO

A questão da vigilância e ciber ativismo se torna mais urgente a cada dia e recentemente sua popularidade parece estar começando a acompanhar sua urgência. Pelo menos em algum nível. À nível da minha bolha sócio-econômica e de estudante jovem de graduação. Escândalos ajudam sempre a trazer à superfície um mundo controverso que opera atrás das cortinas de pixels e cabos. Talvez sem histórias como a de Snowden, da Cambridge Analytics, de Cathy O'Neil, dificilmente chegaríamos ao nível de alarme necessário.

Quanto aos objetivos, creio que foram alcançados, com ressalvas em relação à instrução. Não necessariamente as instruções passadas garantem o uso correto do sistema fonte-cartaz, e por limitação do tempo não pude destrinchar o uso tão detalhadamente quanto desejado na zine, ou criar uma alternativa mais coerente, como um template dos cartazes para uso mais rápido e direto da fonte. Templates também permitiriam outros experimentos de camuflagem através de visualidade e expectativa, possibilitando uma exploração dos trabalhos de Philadelpho Menezes e Cildo Meireles mencionados anteriormente, por exemplo. Gostaria, também, de poder ter refinado compensações ópticas para uma fonte mais versátil e com símbolos não exclusivos do Plano Piloto.

Como o tempo foi o maior determinante do escopo do projeto, a ideia de um sistema base simples que pudesse ser difundido foi a maior norteadora do trabalho, e considero que ele a contempla. É um jeito eficaz de lidar com o assunto que parece impossível de compreender em totalidade, e ainda mais difícil de obstar. O simples fato de ter feito este trabalho sem o uso de um VPN, com softwares conectados à nuvem e estar escrevendo sobre aqui, poderia ser o suficiente para invalidá-lo como tática real de conversa silenciosa.

É importante ressaltar que muito da possibilidade maléfica da tecnologia é exatamente isso. Potencial. Não necessariamente trata-se de pessoas malignas ativamente tentando desenvolver algo com a coerção e exclusão em mente, mas esse potencial não ser considerado durante a projeção é uma falha, pois a possibilidade de explorar esses dispositivos e sistemas de forma a manter ou expandir o poder sempre será convertida. Tudo em nome da otimização do lucro e do controle.

A militância de ação direta talvez, de fato, requeira práticas de "chapéu de alumínio", pois o alcance do sistema de monitoramento parece não haver muitos limites e obstáculos reais quando realmente é aplicado. Mas, se uma oposição possível existe, com certeza a resposta está em alternativas analógicas, que necessitem da participação humana. E precisamos sempre continuar buscando, testando, projetando maneiras de viabilizar vozes políticas.

4. BIBLIOGRAFIA

- [151 pessoas são presas por reconhecimento facial no país; 90% são negras – O Panóptico](#) – O Panóptico 22 nov. 2019.
- 99% Invisible #274: The Age of the Algorithm. Entrevistada: Cathy O'Neil. Produzido por: Delaney Hall. 9 mai. 2017. Disponível em: <https://99percentinvisible.org/episode/the-age-of-the-algorithm/>
- Are we automating racism?, 2021. 1 vídeo (23 min.) Publicado pelo canal Vox. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ok5sKLXqynQ>
- BENTHAM, Jeremy e TADEU, Tomaz – O Panóptico. Autêntica, 2000.
- BIDDLE, Sam – [O risco à privacidade digital em tempos de coronavírus](#). The Intercept Brasil, 6 abr. 2020.
- BRIA, Francesca e MOROZOV, Evgeny – A Cidade Inteligente: tecnologias urbanas e democracia. Ubu, 2019.
- BRIDLE, James – A Nova Idade das Trevas: a tecnologia e o fim do futuro. Todavia, 2019.
- CARDOSO, Bruno – Todos os Olhos. Videovigilâncias, videovoyeurismos e (re)produção imagética na tecnologia digital. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- DOLABELA, Marcelo – Poesia Semiótica. UNI-BH, 2008.
- [Especial Vigilância](#). Pública.
- FOUCAULT, Michel – Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Vozes, 1989.
- GRAHAM, Stephen – Cidades Sitiadas: o novo urbanismo militar. Boitempo, 2016.
- JIMÉNEZ, Carla – [Lista de nomes 'antifascistas' cria clima de tensão e resistência às vésperas de novo ato pró-democracia](#). El País Brasil, 6 jun. 2020.
- LAFLOUFA, Jaqueline – [Por que a privacidade é tão importante na internet?](#). TAB UOL, 21 out. 2019.
- LAVADO, Thiago – [Aumento do uso de reconhe cimento facial pelo poder público no Brasil levanta debate sobre limites da tecnologia](#). G1, 21 fev. 2020.
- MCLUHAN, Marshall e FIORE, Quentin – O Meio é a Massagem. Ubu, 2018.
- MCMULLAN, Thomas – [What does the panopticon mean in the age of digital surveillance?](#). The Guardian, 23 jun. 2015.
- MORLEY, Madeleine – Greetings From the Invisible Borderlands: could antiquated spy techniques be the securest form of communication in the age of digital surveillance? Eye on Design, volume 1, p.14-31.
- NUNES, Pablo – [Novas ferramentas, velhas práticas: reconhecimento facial e policiamento no Brasil – O Panóptico](#) – O Panóptico.
- PICHONELLI, Matheus – [Urbanismo militar: como a tecnologia transforma cidades em campos de guerra](#). TAB UOL, 7 fev. 2020.
- POWELL, William – The Anarchist Cookbook. Barricade Books, 1989.

- ROLNIK, Raquel – Palestra proferida no Seminário Internacional Cidades Rebeldes, São Paulo, jun. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GKTIqbtEc8M>.
- TSAVKKO, Rafael – ['Estou na lista dos antifascistas divulgada por Douglas Garcia'](#). The Intercept Brasil, 22 ago. 2020.
- WU, Amy Suo – [tpi](#)
- WU, Amy Suo – [thunderclap](#)